

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT21.006

10 ANOS DE PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA INFÂNCIA

Priscila Barros de Freitas¹
Luciana Lobo Miranda²
Yana Fabrícia e Silva Lucena³
Maria Beatriz Gonçalves Leite⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar em linhas gerais o trabalho que é realizado pela Psicomotricidade Relacional em algumas escolas públicas do município de Fortaleza e suas contribuições para a promoção da saúde na infância. O Programa Psicomotricidade Relacional na escola teve início no ano de 2013 com a realização de uma pesquisa piloto, financiada pela Secretaria Municipal de Educação, para implantação de tal atividade nas escolas, intitulada Alfabetização de crianças na idade certa: contribuições da Psicomotricidade Relacional por meio da promoção da saúde emocional de alunos e professores de uma rede municipal de ensino. Desde então a Psicomotricidade Relacional faz parte da rotina diária de algumas escolas há 10 anos ininterruptamente. Para discutir esta proposição, nos baseamos nas contribuições dos criadores e percussores desta prática, são eles, Lapierre e Lapierre, Batista e Vieira. Com relação aos conceitos de infância, teremos como base os estudos e pesquisas da sociologia da infância, bem como a concep-

1 Doutoranda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, priscilabfeducao@gmail.com;

2 Professora Doutora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, luciana.miranda@ufc.br;

3 Mestra do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará – UECE; Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, yanalucena@alu.ufc.br;

4 Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, mariabeatrizgleite@gmail.com

ção da escola como promotora da saúde. A análise deste estudo corrobora com a ideia de que a Psicomotricidade Relacional na escola pôde, durante os anos de sua implantação na escola pública, favorecer a promoção da saúde na infância, bem como, é fundamental que, na escola, o lugar de fala das crianças deve ser garantido como sujeito político. Desta forma, esta pesquisa pode contribuir com o processo de avaliação de políticas públicas voltadas à educação e à infância, reiterando a importância da pesquisa constante na educação.

Palavras-chave: Psicomotricidade Relacional, Escola Pública, Infância, Promoção da Saúde.

INTRODUÇÃO

A infância é uma fase crucial para o desenvolvimento humano, tanto em termos físicos quanto emocionais, sociais e cognitivos. O cuidado e a proteção adequados durante esse período são fundamentais para garantir que as crianças possam crescer em ambientes saudáveis, que promovam seu desenvolvimento, saúde e bem-estar. (OPAS, 2021). No entanto, o cenário educacional atual, especialmente em países como o Brasil, enfrenta grandes desafios no que diz respeito à proteção da infância e à promoção da saúde no ambiente escolar. Em um contexto marcado por tendências neoliberais, que frequentemente priorizam a produtividade, a eficiência e a avaliação quantitativa, muitas vezes o desenvolvimento pleno das crianças é negligenciado. Essas abordagens focam de maneira excessiva em resultados imediatos, como o desempenho em testes e a padronização de competências, ignorando aspectos emocionais, afetivos e sociais essenciais para o crescimento integral dos alunos. (MORETTI; MOURA, 2010)

Nesse cenário, a Psicomotricidade Relacional surge como uma prática pedagógica inovadora e transformadora, que busca contrapor-se às ideias de uma educação centrada na produtividade e no rendimento imediato. Fundamentada nos trabalhos de André e Anne Lapierre nos anos 80 e consolidada no Brasil por profissionais como José Leopoldo Vieira e Maria Isabel Bellaguarda Batista. A Psicomotricidade Relacional propõe uma educação que reconheça e valorize a criança em sua totalidade. (BATISTA; VIEIRA; LAPIERRE, 2013; BATISTA, 2021) Ela entende o corpo não apenas como uma máquina de produção, mas como um meio de comunicação, expressão e interação, considerando também as emoções e afetos que permeiam as relações entre alunos, professores e o ambiente escolar. (BATISTA; VIEIRA; LAPIERRE, 2013)

A rede municipal de educação de Fortaleza, de forma pioneira, introduziu nos últimos anos um projeto inédito no serviço público brasileiro: a presença da Psicomotricidade Relacional como parte da rotina semanal de crianças em algumas escolas públicas. Essa iniciativa marca uma conquista significativa no campo educacional, pois integra a esta prática ao cotidiano escolar de maneira estruturada, com atendimentos que acontecem de forma regular. Esse trabalho não só representa uma inovação no âmbito das políticas públicas de educação, como também reforça a importância de estratégias pedagógicas que priorizam

o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a saúde física, emocional e social dos alunos. (BATISTA et al, 2015)

Considerando o caráter inovador desse projeto e seus impactos na escola pública, consideramos de grande relevância deixar registrada parte dessa trajetória pela perspectiva de profissionais envolvidos desde a concepção dessa iniciativa. O olhar daqueles que participaram ativamente desse percurso oferece uma visão interna valiosa sobre os desafios e conquistas ao longo da implementação da Psicomotricidade Relacional, além de destacar a importância dessa prática no contexto educacional e social de Fortaleza.

A implementação dessa prática em algumas escolas públicas de Fortaleza, desde 2013, tem evidenciado os benefícios da Psicomotricidade Relacional integrando a escola como locus privilegiado para esta promoção, percebendo que o desenvolvimento humano está para além dos saberes socialmente validados, e que a escola deve ser espaço de promoção da saúde, indo ao encontro a ideia dos autores (SILVA, 2005; ARAÚJO; XAVIER, 2014) que compreendem que as concepções de saúde no campo educacional devem ser expandidas, na medida em que toma-se a saúde pela ótica dela mesma, e não do adoecimento, já que adoecimento deve ser entendido como o outro da saúde, ao invés de seu oposto.

Com uma abordagem que integra o corpo, as emoções e as relações sociais, essa prática oferece uma alternativa à educação tradicional, que frequentemente ignora as dimensões socioemocionais do desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a Psicomotricidade Relacional contribui para a criação de um ambiente escolar mais acolhedor, que valoriza o bem-estar integral da criança e promove uma infância protegida e respeitada em suas necessidades. (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013)

Além disso, a Psicomotricidade Relacional também atua na construção de uma infância mais politicamente ativa. Ao permitir que as crianças se expressem e participem de maneira autônoma nas atividades propostas, essa prática defende a importância do lugar de fala da criança como sujeito político dentro da escola, sendo ativa na construção do conhecimento sobre si, sobre o mundo e sobre a produção de cultura. (BATISTA, 2021) Nesse contexto, consideramos que ela oferece uma alternativa concreta à educação neoliberal, defendendo uma visão de educação que prioriza o desenvolvimento integral da criança, em vez de limitar-se a métricas de desempenho e produtividade.

Portanto, ao longo dos 10 anos de atuação nas escolas públicas de Fortaleza, a Psicomotricidade Relacional tem demonstrado seu potencial não apenas para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, mas também para garantir a proteção e promoção da saúde infantil, combatendo as influências de uma educação que valoriza o aluno apenas como um produtor de resultados.

Com base nesses princípios, o presente artigo busca discutir os impactos e as contribuições da Psicomotricidade Relacional para a promoção da saúde na infância, especialmente no contexto da escola pública de Fortaleza, onde essa prática tem sido aplicada como parte da rotina escolar. A partir dessa análise, pretende-se defender a importância de políticas públicas educacionais que priorizem o desenvolvimento integral das crianças, indo além das exigências quantitativas e valorizando o bem-estar emocional e social dos alunos.

BREVE HISTÓRICO

De acordo com Batista et al (2015, p. 24 e 25), o projeto de pesquisa piloto “Alfabetização de crianças na idade certa: contribuições da Psicomotricidade Relacional por meio da promoção da saúde socioemocional de alunos e professores das escolas públicas de Fortaleza” foi conduzido com o intuito de explorar o impacto da Psicomotricidade Relacional no processo de alfabetização de crianças do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental da rede pública do município. A metodologia adotada foi baseada nos princípios desenvolvidos por André e Anne Lapierre, criadores da Psicomotricidade Relacional, que enfatizam a importância de uma educação integral, abrangendo aspectos emocionais, afetivos e sociais, além dos conteúdos formais.

Desde os anos 1990, os psicomotricistas relacionais José Leopoldo Vieira e Maria Isabel Bellaguarda Batista têm liderado diversas iniciativas que aplicam essa metodologia em várias partes do Brasil, promovendo debates sobre políticas públicas que culminaram na adoção de práticas de Psicomotricidade Relacional em algumas redes municipais de ensino. Em Fortaleza, essa prática ganhou destaque quando, nos anos de 2011 e 2013, a Secretaria Municipal da Educação (SME), em parceria com o Centro Internacional de Análise Relacional (CIAR), implementou um curso de especialização para 200 professores da rede pública. (SOUZA, 2013) Esses professores passaram a atuar diretamente nas escolas, aplicando a Psicomotricidade Relacional em estágios supervisionados, gerando impactos positivos no comportamento e aprendizado dos alunos.

Com base nos resultados dessas intervenções, a SME decidiu em 2013 dar continuidade à pesquisa, focando na avaliação dos efeitos da Psicomotricidade Relacional no desenvolvimento das competências socioemocionais dos alunos. Esse desenvolvimento era visto como um fator crucial para melhorar os índices de alfabetização, especialmente entre os professores que participavam do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). A execução dessa etapa da pesquisa foi realizada em 2014, sob a coordenação de Maria Isabel Bellaguarda Batista, do CIAR, neste período e atualmente do ÍNTEGRA - CHDR (Centro Humano de Desenvolvimento Relacional), com apoio financeiro da SME. O projeto contou com a colaboração de renomados pesquisadores da Universidade Federal do Ceará (UFC), como Rita Vieira de Figueiredo, Adriana Leite Limaverde Gomes e Walberto Silva dos Santos, além da participação de especialistas em Psicomotricidade Relacional do CIAR e supervisão científica de Anne Lapierre e Leopoldo Vieira.

A Secretaria Municipal de Fortaleza foi responsável por fornecer a infraestrutura física e logística, incluindo a disponibilização dos professores da rede e dos profissionais especializados em Psicomotricidade Relacional. Participaram diretamente 18 professores efetivos da rede municipal, que atuaram no atendimento semanal das crianças. A coordenação e o apoio institucional foram oferecidos por meio da equipe de coordenação do Ensino Fundamental da SME, sob a responsabilidade de Carlos Eduardo Araújo Almeida.

Inicialmente, o projeto visava atender 30 escolas, distribuídas pelos seis distritos educacionais de Fortaleza, escolhidas com base em dois critérios principais: altos índices de violência e baixos índices de alfabetização. No entanto, devido a limitações estruturais e dificuldades na alocação de professores especializados, o número de escolas foi reduzido para 18, abrangendo um total de 3.473 crianças de 6 a 8 anos, matriculadas nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. Ao final da realização dessa pesquisa, os dados foram analisados pelos pesquisadores e registrados no Relatório do Projeto-Piloto para a implantação da Psicomotricidade Relacional nas escolas públicas municipais de Fortaleza, publicado no ano seguinte. A pesquisa destacou que:

Pode-se afirmar que a pesquisa evidenciou resultados significativamente positivos sobre os índices dos problemas de comportamento, do repertório de habilidades sociais, comportamento pró-social e aprendizagem da leitura e da escrita das crianças, resultantes da intervenção em Psicomotricidade Relacional. Aponta, ainda, para uma relação direta entre o desen-

volvimento de habilidades socioemocionais e a melhoria da aprendizagem. Os resultados positivos irrefutáveis, observados nesta pesquisa, permitem que se afirme a viabilidade de desenvolvimento do trabalho com a Psicomotricidade Relacional na escola como atividade complementar ao trabalho pedagógico. O método atendeu às necessidades das crianças tanto em relação às dificuldades comportamentais como em relação à aprendizagem da leitura e da escrita. (BATISTA et al, 2015, p. 137)

Desta forma desde então o projeto passou a ser o Programa de Psicomotricidade Relacional na educação⁵. De acordo com o relatório anual em que foram resumidas as informações sobre os atendimentos, em 2023 tínhamos na rede municipal 09 psicomotricistas relacionais, sendo cada uma lotada em uma escola diferente, participantes do programa, esse grupo atendeu um total de 1.400 alunos que foram acompanhados semanalmente. Foram realizadas ao todo por volta de 2000 vivências neste ano. Dada a abrangência que um pequeno grupo consegue atingir, reforça-se aqui a relevância desse atendimento, visto a dimensão alcançada.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e tem como objetivo analisar a prática da Psicomotricidade Relacional no contexto escolar, posicionando-se como um estudo analisador dessa prática específica, a partir dos referenciais teóricos mencionados. A investigação se concentra na implementação da Psicomotricidade Relacional em escolas públicas de Fortaleza, onde esta metodologia vem sendo aplicada. O foco do estudo é compreender os possíveis impactos dessa prática no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças, bem como na promoção da saúde no ambiente escolar. A prática tem sido reconhecida por sua capacidade de valorizar as demandas relacionais das crianças e, por meio do brincar e da comunicação não verbal, desenvolver competências sociais e emocionais.

Este estudo se posiciona como uma análise crítica da Psicomotricidade Relacional como prática pedagógica, buscando não apenas verificar os possíveis efeitos dessa intervenção nas crianças, mas também refletir sobre a aplicabili-

⁵ <https://sites.google.com/educacao.fortaleza.ce.gov.br/aprofsmefortaleza/a-aprof/programas-e-projetos/programa-de-psicomotricidade-relacional?authuser=0>

dade dessa abordagem em escolas públicas brasileiras. Com isso, pretende-se contribuir para a discussão sobre a educação integral e a promoção da saúde no ambiente escolar, propondo a Psicomotricidade Relacional como uma ferramenta valiosa para a construção de um modelo educacional mais humanizado e inclusivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PSICO O QUÊ? UM CONCEITO PSICOMOTOR

A Psicomotricidade é uma área que estuda a relação entre o corpo, a mente e as emoções, considerando o movimento humano como um fenômeno complexo que envolve aspectos físicos, cognitivos e afetivos. Seu desenvolvimento histórico foi moldado por diversas contribuições de especialistas, como o neurologista francês Ernest Dupré, que, em 1907 enfatizou a noção de paralelismo psicomotor, estabelecendo a conexão entre desenvolvimento motor, inteligência e afetividade, o que abriu caminho para uma compreensão mais ampla da psicomotricidade. (LEVIN, 2003, p. 24).

Com o tempo, a Psicomotricidade passou a englobar outras abordagens, como a de Henry Wallon, médico e psicólogo, que via o movimento como a primeira manifestação do psiquismo humano. Ele argumentava que corpo, mente e linguagem são elementos profundamente interligados, e que o movimento pode ser considerado uma forma primária de pensamento, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e emocional. Esse entendimento de que o movimento é uma via de expressão do pensamento e das emoções tornou-se um princípio fundamental na psicomotricidade. (FALCÃO; BARRETO, 2009)

No entanto, foi com André Lapierre que a Psicomotricidade ganhou um novo formato, especialmente com a criação da Psicomotricidade Relacional. Após a Segunda Guerra Mundial, Lapierre, professor de educação física e cinesioterapeuta, assumiu a direção do Centro de Reeducação de Troyes, onde observou que muitas dificuldades escolares estavam relacionadas a problemas emocionais mais profundos, revelados através do corpo. Essa percepção levou ao desenvolvimento de uma abordagem que destacava a importância das relações afetivas e simbólicas no trabalho psicomotor. (LAPIERRE, 2010)

Lapierre, em colaboração com sua filha Anne Lapierre, desenvolveu a Psicomotricidade Relacional com base na ideia de que o vínculo entre o psi-

comotricista e a criança é essencial para o processo de intervenção. A prática dessa abordagem envolve o uso de jogos espontâneos e o simbolismo dos objetos como ferramentas para acessar o inconsciente e trabalhar as emoções de forma corporal. Eles entenderam que o corpo não apenas reflete as tensões emocionais, mas também é capaz de expressar conteúdos inconscientes, o que possibilita um processo de cura e desenvolvimento por meio da intervenção psicomotora.

Anne Lapierre, além de trazer uma visão inovadora sobre a psicomotricidade, enfatizou que o psicomotricista precisa trabalhar suas próprias vivências corporais e emocionais para poder intervir de maneira eficaz no desenvolvimento infantil. (LAPIERRE, 2010). A diferença entre a abordagem de Anne e seu pai, em relação a outros métodos psicomotores, estava na ênfase na dimensão relacional e simbólica, destacando a importância do vínculo entre as pessoas para promover o desenvolvimento integral.

A Psicomotricidade Relacional consolidou-se, assim, como uma prática que vê o ser humano de forma integrada, considerando o corpo como um meio de expressão emocional e cognitiva, além de um veículo de comunicação com o mundo. Desde as primeiras contribuições de Dupré até o trabalho inovador de André e Anne Lapierre, a Psicomotricidade tem sido fundamental para o desenvolvimento e a transformação pessoal, tanto no campo clínico, quanto educacional, promovendo uma compreensão mais profunda da relação entre corpo, mente e emoções.

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NO BRASIL

A introdução da Psicomotricidade no Brasil está ligada ao movimento de renovação pedagógica e terapêutica que emergiu durante a segunda metade do século XX. Desde as primeiras décadas do século, influências da Europa e dos Estados Unidos trouxeram para o Brasil novos paradigmas de educação e saúde mental, muitas vezes focados em práticas psicomotoras. A Psicomotricidade Relacional, desenvolvida por André e Anne Lapierre, começou a ganhar relevância no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, em um contexto em que a educação estava buscando metodologias que priorizassem o desenvolvimento integral das crianças, indo além das tradicionais abordagens focadas apenas em habilidades cognitivas e motoras.

O reconhecimento do impacto das emoções e das relações sociais no processo de aprendizagem foi um marco importante para a aceitação da Psicomotricidade Relacional no Brasil. O trabalho de profissionais como Leopoldo Vieira, Maria Isabel Bellaguarda Batista, Conceição Gomes e Ibrahim Danyalgil Júnior foi crucial para a disseminação dessa prática no país, trabalhando na formação de novos profissionais especialistas na área. (LAPIERRE, 2021; VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013) Os mesmos adaptaram e aplicaram os princípios da Psicomotricidade Relacional nas realidades brasileiras, promovendo debates sobre a importância de políticas públicas que reconhecessem a necessidade de uma educação mais humanizada e integral.

A Psicomotricidade Relacional começou a ser adotada em várias regiões do Brasil, inicialmente em clínicas e centros terapêuticos, e posteriormente sendo incorporada em programas educacionais inovadores. Nos anos 1990, houve uma crescente conscientização sobre a importância de uma abordagem que não se limitasse ao desenvolvimento motor, mas que também incorporasse as dimensões afetivas e emocionais do sujeito, especialmente em um país com grandes desigualdades socioeconômicas, onde muitos alunos enfrentam desafios emocionais devido a situações de vulnerabilidade.

A entrada dessa prática no serviço público educacional foi um passo fundamental, ocorrido especialmente na cidade de Fortaleza, onde a Psicomotricidade Relacional passou a fazer parte da rotina semanal de algumas escolas públicas a partir de 2013.

Nas escolas em que a Psicomotricidade Relacional foi implementada pela SME e adotada pela gestão escolar, há uma professora psicomotricista relacional, que atende uma turma a cada turno de aula. Cada turma é subdividida em dois grupos heterogêneos. Enquanto a psicomotricista conduz um dos grupos para realizar a sessão na sala de psicomotricidade da escola, o outro grupo permanece com a professora na sala de aula, e essa dinâmica se reverte em sequência. Essa atividade acontece em dias fixos da semana, valorizando a previsibilidade da rotina escolar, proporcionando para a professora da sala de aula, possibilidades de utilizar esse tempo com práticas pedagógicas diferenciadas já que neste dia estará com um número reduzido de alunos.

No dia em que a turma sabe que tem sessão de Psicomotricidade Relacional, é nítido nas crianças alegria e uma euforia pela possibilidade que o brincar nesse espaço provoca. Pois é um espaço simbólico, permissivo, desculpabilizante e continente, em que a promover a saúde das relações consigo mesmo, com o

outro, com o espaço e com os objetos é o objetivo principal. (BATISTA; VIEIRA; LAPIERRE, 2013)

Essa implementação foi pioneira no Brasil, e desde então, tem sido vista como um exemplo para outras redes de ensino. A experiência acumulada ao longo desses 10 anos de prática contínua nas escolas de Fortaleza demonstra que a Psicomotricidade Relacional pode ser uma ferramenta eficaz não só para melhorar os índices de alfabetização, mas também para transformar o ambiente escolar em um espaço de acolhimento emocional e desenvolvimento integral.

Outro fator importante para a disseminação da Psicomotricidade Relacional no Brasil foi o crescente interesse acadêmico pela abordagem. Pesquisas desenvolvidas em instituições como a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Universidade Estadual do Ceará (UECE) têm explorado os impactos dessa metodologia tanto na saúde emocional de alunos e professores, quanto na relação com o desempenho escolar das crianças, reforçando a importância de políticas educacionais que integrem saúde e educação de maneira orgânica. O apoio de instituições acadêmicas e de centros especializados, como o ÍNTEGRA e o CIAR, também desempenhou um papel importante na consolidação dessa prática no Brasil. (SOUSA, 2013; BATISTA, 2014; ROCHA, 2018; ROCHA, 2018; GUZI; PRIGOL, 2019)

No entanto, apesar dos avanços, o desafio de expandir a Psicomotricidade Relacional para um número maior de escolas e regiões do país permanece. As limitações financeiras e a falta de infraestrutura em muitas escolas públicas ainda são obstáculos significativos. Além disso, a resistência de alguns setores educacionais, que permanecem apegados a modelos de ensino tradicionais e focados em resultados quantitativos, dificulta a implementação mais ampla dessa metodologia.

Por outro lado, o sucesso da Psicomotricidade Relacional nas escolas de Fortaleza e em outras regiões onde foi aplicada mostra que há uma demanda crescente por práticas pedagógicas que valorizem as crianças, reconhecendo a importância das relações afetivas e emocionais no processo de crescimento. Isso reforça a necessidade de políticas públicas que apoiem a expansão dessa abordagem, não apenas como uma ferramenta terapêutica, mas como parte integrante do currículo escolar, visando a promoção da saúde integral e a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e emocionalmente saudáveis.

A SAÚDE NA ESCOLA

A promoção da saúde na infância é uma questão fundamental que deve ser abordada de forma abrangente e crítica, especialmente no ambiente escolar. É essencial pensar a infância para além das limitações de idade ou de uma simples etapa evolutiva da vida, adotando uma perspectiva que reconhece as crianças como sujeitos ativos, com vozes e direitos. De acordo com Fernandes Júnior (2014) apud Larrosa (2000), a infância deve ser vista como uma alteridade que desafia o modelo cristalizado do universo adulto. Isso implica considerar as crianças como protagonistas de suas próprias experiências e realidades, em vez de meros objetos de cuidado ou educação.

Elas estão imersas em contextos sociais e econômicos que as tornam dependentes dos adultos, mas, ao mesmo tempo, são capazes de expressar suas necessidades e desejos. Abramowicz (2020) enfatiza que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, as crianças buscam maneiras de se fazerem ouvir e participar ativamente de suas vidas. Esse reconhecimento da voz infantil é crucial para a promoção da saúde, pois envolve a escuta atenta e respeitosa das necessidades emocionais, físicas e sociais das crianças.

Entender a infância como uma construção social, conforme discutido por autores como Allison James e Alan Prout (1990) é um passo importante para a promoção de um ambiente escolar que respeite e valorize as crianças como agentes sociais plenos. As experiências da infância são diversas e moldadas por contextos culturais e históricos específicos, o que nos leva a repensar práticas educacionais e de saúde que muitas vezes são universalizadas e desconsideram a complexidade das vivências infantis. A ideia de cultura de pares, introduzida por William Corsaro (1997), também ressalta como as crianças criam significados e interações sociais que são fundamentais para seu desenvolvimento e bem-estar.

Além disso, a inclusão das vozes das crianças em políticas públicas e práticas educacionais, conforme defende Berry Mayall (1996), é essencial para a construção de um ambiente escolar mais justo e inclusivo. Isso não apenas promove a saúde física e emocional das crianças, mas também contribui para sua formação como cidadãos críticos e engajados. A escola deve ser um espaço onde as crianças possam expressar seus desejos e opiniões, participando ativamente na construção de sua realidade e desafiando as hegemonias que muitas vezes silenciaram suas vozes.

Por fim, a Sociologia da Infância, ao abordar a diversidade das experiências infantis e ao criticar as narrativas hegemônicas, nos leva a um entendimento mais profundo e enriquecedor da infância. Essa disciplina, ao se entrelaçar com as perspectivas decoloniais, convida a uma reflexão crítica sobre como as experiências infantis são moldadas por fatores sociais, econômicos e culturais. Ao promover a saúde na infância, é fundamental reconhecer a pluralidade das vivências das crianças e trabalhar para criar ambientes que não apenas garantam seu bem-estar físico, mas que também celebrem e valorizem sua identidade. Assim, a promoção da saúde na infância na escola torna-se uma tarefa não apenas de cuidar, mas de transformar e empoderar, garantindo que as crianças sejam vistas como sujeitos de direitos e dignidade em sua totalidade.

A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NA ESCOLA

No contexto escolar, essa prática vai muito além do desenvolvimento da coordenação motora, integrando o desenvolvimento emocional, social e afetivo das crianças. Segundo Vieira, Batista e Lapierre (2013), a Psicomotricidade Relacional oferece uma resposta crucial à demanda contemporânea por uma educação mais humanizada, que reconhece a importância da construção das subjetividades e enfatiza a qualidade da vida afetiva no processo de aprendizagem. (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013)

Essa abordagem se torna ainda mais relevante quando consideramos o cenário educacional atual, no qual muitas escolas são pressionadas a atender metas e índices de avaliação que priorizam o desempenho acadêmico e a produtividade. A ênfase excessiva nesses aspectos pode acabar negligenciando o desenvolvimento emocional e afetivo das crianças, que é essencial para uma formação integral. A Psicomotricidade Relacional, ao centrar o corpo e as interações sociais no processo de aprendizagem, contribui de maneira significativa para a promoção da saúde e o desenvolvimento integral dos alunos.

Essa prática permite que as crianças explorem suas emoções, expressando suas individualidades em um ambiente de apoio e respeito. Isso é crucial não apenas para o seu crescimento pessoal, mas também para seu bem-estar e desenvolvimento psicossocial. Nesse sentido, a Psicomotricidade Relacional cria um espaço no qual as crianças podem se desenvolver de forma mais ampla, superando as limitações impostas por uma educação focada exclusivamente em resultados quantitativos.

Sobre as sessões, são utilizados os seguintes materiais: paraquedas, bambolês, bastões, bolas, cordas e tecidos, caixas de papelão, jornais ou papéis. As vivências seguem procedimentos comuns a prática, a saber: roda de conversa inicial, momento de brincar livre, atividade de relaxamento, roda de conversa final. Enfatizando o jogo simbólico mediado pela comunicação analógica. Nesse dinamismo o psicomotricista relacional intervém como parceiro simbólico, que se implica diretamente numa relação dinâmica e autêntica, demonstrando seu próprio prazer de brincar no jogo com as crianças, bem como tendo consciência das relações transferenciais vividas no setting.

A aplicação da Psicomotricidade Relacional nas escolas de Fortaleza tem demonstrado que essa prática é uma ferramenta poderosa para a promoção da saúde na infância, além de contribuir para a criação de uma cultura escolar mais inclusiva e acolhedora. Ao valorizar o corpo como um elemento de comunicação e interação, e ao promover a saúde socioemocional, essa abordagem não só melhora a qualidade da aprendizagem, como também combate os efeitos de uma educação neoliberal centrada em produtividade. Isso reforça a importância de integrar práticas que favoreçam o desenvolvimento emocional e afetivo das crianças, tornando a escola um espaço mais humanizador e inclusivo.

A Psicomotricidade Relacional no contexto escolar não apenas promove o desenvolvimento integral da criança, mas também desempenha um papel fundamental na promoção da saúde na infância. Segundo Vieira, Batista e Lapierre (2013, p.11), a Psicomotricidade é “a ciência que concebe o movimento organizado e integrado a partir das experiências do sujeito, resultantes de sua individualidade, linguagem e socialização”. Assim, essa abordagem transcende a simples coordenação motora, englobando as dimensões emocionais, afetivas e sociais que são essenciais para a formação de crianças saudáveis.

Diante das rápidas transformações sociais do mundo contemporâneo, que impactam a formação das subjetividades, a Psicomotricidade Relacional se revela especialmente necessária. Em um ambiente educacional frequentemente focado em metas e resultados, essa abordagem se destaca como uma alternativa que valoriza a saúde emocional e a qualidade de vida afetiva das crianças. A pressão por desempenho muitas vezes negligencia essa dimensão, o que pode levar a problemas emocionais e comportamentais que afetam a saúde das crianças (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

Nos anos 1970, antes da criação da Psicomotricidade Relacional especificamente, em um movimento de renovação da Psicomotricidade, impulsionada

pela agitação psicopedagógica no período, André Lapierre e Bernard Aucouturier redefiniram a psicomotricidade como uma “motricidade da relação”. (LAPIERRE, 2021) Essa visão abriu novas possibilidades pedagógicas que promovem a descoberta, o desejo de aprender e o movimento espontâneo, essenciais para a saúde mental e emocional das crianças. Ao invés de se concentrar nas dificuldades, a proposta é trabalhar com o que a criança já sabe fazer.

Como afirmam Vieira, Batista e Lapierre (2013), essa abordagem enfatiza a importância de experiências positivas, que não apenas favorecem o aprendizado, mas também contribuem para o bem-estar emocional. Dentro do brincar e do jogo espontâneo, reflete uma prática que permite às crianças, e até aos adultos, vivenciar momentos de prazer, onde se sentem livres para explorar. Durante o jogo, surgem diálogos tônicos que expressam emoções e sentimentos, proporcionando uma vivência que integra corpo e mente. Essa experiência lúdica é fundamental para o desenvolvimento da saúde emocional, uma vez que as crianças podem se distanciar de suas preocupações e limitações, construindo uma base sólida para sua subjetividade e bem-estar.

A Psicomotricidade Relacional coloca o corpo no centro da compreensão do comportamento humano, reconhecendo que ele não é apenas um meio de cognição, mas também o local onde se manifestam emoções como prazer, desejo, frustração e angústia. Como destacam Vieira, Batista e Lapierre (2013), o corpo é o depositário das memórias das emoções vividas nas relações, e isso é crucial para a promoção da saúde na infância. A evolução dessa abordagem levou à compreensão do corpo como um todo integrado, que se relaciona com o mundo por meio de experiências sensório-motoras.

No ambiente escolar, a Psicomotricidade Relacional promove um espaço onde as crianças podem explorar suas emoções e individualidades em um contexto de apoio, o que é essencial para uma educação que visa não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento emocional e a saúde integral. Essa abordagem não apenas fortalece a relação da criança consigo mesma e com os outros, mas também contribui para um desenvolvimento mais saudável, formando indivíduos mais equilibrados e preparados para enfrentar os desafios da vida. Assim, a Psicomotricidade Relacional se configura como uma ferramenta poderosa na promoção da saúde na infância, integrando corpo, mente e afeto em um processo de aprendizado significativo.

PERSPECTIVAS FUTURAS E DESAFIOS NO SETOR PÚBLICO

A expansão e continuidade da Psicomotricidade Relacional nas escolas públicas, especialmente no contexto de Fortaleza, apresenta grandes oportunidades, mas também desafios significativos. Um dos maiores entraves é a própria realidade do setor público, em que muitas vezes nem o serviço básico de educação é plenamente garantido. Em diversas escolas, faltam recursos essenciais, como infraestrutura adequada, materiais didáticos e até mesmo profissionais capacitados para atender às demandas mínimas do ensino. Nesse cenário, a inserção de práticas inovadoras e complementares, como a Psicomotricidade Relacional, pode encontrar obstáculos que vão desde a falta de investimento até a resistência a novas abordagens que fogem do tradicional.

Um desafio está na formação de novos psicomotricistas relacionais. Conforme apontado por Anne Lapierre (2021), seu pai, André Lapierre, acreditava que a intervenção eficaz no desenvolvimento da criança depende de o profissional explorar profundamente suas próprias vivências e comportamentos corporais. Essa abordagem exige um trabalho intenso de autoconhecimento e reflexão, que vai além de uma formação técnica convencional. O psicomotricista relacional precisa estar em constante processo de desenvolvimento pessoal, para não apenas aplicar técnicas, mas compreender a profundidade das emoções e relações que afetam seu próprio comportamento e o comportamento infantil. Essa exigência torna o processo de formação mais complexo, o que, somado à falta de incentivos e apoio, pode desmotivar muitos profissionais a ingressar ou permanecer nessa área.

Além disso, as condições de trabalho no setor público muitas vezes não favorecem a continuidade do desenvolvimento profissional. A carga de trabalho intensa e a falta de reconhecimento tornam difícil a permanência de profissionais qualificados na rede pública nesta função. O apoio constante que esses profissionais necessitam, seja através de supervisão, formação continuada ou acesso a recursos terapêuticos para seu próprio desenvolvimento, muitas vezes não é ofertado de forma estruturada. Sem essa sustentação, o risco de esgotamento profissional aumenta, comprometendo a qualidade do atendimento oferecido às crianças.

Para garantir a continuidade e expansão da Psicomotricidade Relacional nas escolas públicas, será necessário superar esses desafios, desenvolvendo políticas públicas que não apenas garantam a presença dessa prática no currículo

escolar, mas também ofereçam condições adequadas para a formação e manutenção de psicomotricistas relacionais nas escolas. Isso inclui desde a criação de programas de formação especializados, com apoio financeiro e logístico, até a valorização do trabalho desses profissionais por meio de melhores condições de trabalho e incentivos para o desenvolvimento pessoal e profissional contínuo.

A promoção da saúde infantil através da Psicomotricidade Relacional depende, portanto, de uma abordagem integrada que considere a realidade do setor público, mas que também busque alternativas inovadoras para formar e reter profissionais qualificados. Somente assim será possível garantir que as crianças possam continuar se beneficiando dessa prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da Psicomotricidade Relacional nas escolas públicas de Fortaleza ao longo de 10 anos evidencia sua relevância como uma prática pedagógica inovadora e eficaz na promoção da saúde infantil. Ao integrar corpo, mente e emoções, essa abordagem se distingue por proporcionar uma educação mais humanizada, que valoriza as dimensões emocionais e afetivas, muitas vezes negligenciadas no sistema educacional tradicional.

Os resultados obtidos nas escolas demonstram não apenas melhorias no comportamento e aprendizado dos alunos, mas também a criação de um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo. Ao proporcionar um espaço em que as crianças podem se expressar livremente por meio do jogo e da interação, a Psicomotricidade Relacional contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais para seu bem-estar e formação integral.

Além disso, a prática ressalta a importância do lugar de fala das crianças como sujeitos políticos, favorecendo o exercício de sua autonomia e protagonismo. Nesse contexto, a Psicomotricidade Relacional também se configura como uma estratégia eficaz para combater os efeitos de uma educação excessivamente focada em produtividade e resultados quantitativos.

Por fim, a continuidade e expansão desse programa dependem do reconhecimento, pelas políticas públicas e dos gestores escolares, da necessidade de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral da infância. A Psicomotricidade Relacional, portanto, oferece uma contribuição significativa não apenas para a educação, mas para a construção de uma sociedade mais justa, acolhedora e atenta às necessidades da infância.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. Crianças e guerra: as balas perdidas! **Childhood & Philosophy**, v. 16, p. 1–14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/child-phil.2020.48358>. Acesso em: 24 ago. 2024.

ARAÚJO, J. S.; XAVIER, M. P. O conceito de saúde e os modelos de assistência: considerações e perspectivas em mudança. **Revista Saúde em Foco**, 2014, n. 1, p. 137-149.

BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda. Em tempos de infâncias aprisionadas e crianças privatizadas, o que fazer? In: BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda; VIEIRA, José Leopoldo. **Textos e Contextos em Psicomotricidade Relacional**. v. 3. Fortaleza: RDS Editora, 2021. p. 35-52.

BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda. **Estresse docente: contribuições da prática psicomotora relacional para o seu enfrentamento**. Fortaleza, CE: RDS Editora, 2014.

BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda; et al. **Alfabetização de crianças na idade certa: contribuições da Psicomotricidade Relacional**. Fortaleza: SME, 2015.

CORSARO, William A. **The Sociology of Childhood**. Pine Forge Press/Sage Publications Co., 1997.

FALCÃO, Hilda Torres; BARRETO, Maria Auxiliadora Motta. Breve histórico da Psicomotricidade. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 2, n. 2, p. 84-96, ago. 2009. ISSN 1983-7011.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. Discurso, poder e processos de subjetivação: A infância na sociedade de controle. **Letras**, v. 48, p. 157-173, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148514430>. Acesso em: 24 ago. 2024.

GUSI, Elisângela; PRIGOL, Edna Liz. **Formação pessoal e profissional à luz da psicomotricidade relacional**. Curitiba, PR: Appris, 2019.

JAMES, Allison; PROUT, Alan (Eds.). **Constructing and Reconstructing Childhood: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood**. 2nd ed. Basingstoke: Falmer Press, 1997. 260 p. ISBN: 0-7507-0596-5.

LAPIERRE, André. **Da Psicomotricidade Relacional à análise corporal da relação**. Curitiba: Editora UFPR, 2010. 247 p.

LAPIERRE, Anne. Origem e trajetória evolutiva do método. In: BATISTA, M.I.B.; VIEIRA, J. L. **Textos e Contextos em Psicomotricidade Relacional**. Vol. 3. Fortaleza: RDS, 2021. p. 13-23.

LEVIN, Esteban. **A clínica psicomotora: O corpo na linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAYALL, Berry. **Children, health and the social order**. Buckingham: Open University Press, 1996.

MORETTI, Vanessa Dias; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. A formação docente na perspectiva histórico-cultural: em busca da superação da competência individual. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 345-361, jul./dez. 2010.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara. **Escolas e professores: Proteger, Transformar, Valorizar**. Salvador: Instituto Anísio Teixeira, 2022.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. **Relatório sobre a promoção da saúde na infância**. Brasília: OPAS, 2021.

ROCHA, Paulo Gabriel Lima da. **O ensino da psicomotricidade na licenciatura em Educação Física: práticas pedagógicas e formação docente**. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=85205>. Acesso em: 24 out. 2024.

ROCHA, Sarah de Moura Kurz da. **Formação em psicomotricidade: competências para a atuação na área da saúde**. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=85460>. Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA, L. B. C. A psicologia na saúde: entre a clínica e a política. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, 2005, v. 17, n. 1, p. 79-92.

SOUZA, Emanuel Ribeiro de. **A política de formação em psicomotricidade relacional e o trabalho docente na escola pública do município de Fortaleza**. 2013. 183 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional) – Universidade

Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=78098>. Acesso em: 24 out. 2024.

VIEIRA, José Leopoldo; BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda; LAPIERRE, Anne.
Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática. 3. ed. Fortaleza: RDS Editora, 2013. 162 p.

VIEIRA, José Leopoldo; LAPIERRE, André; BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda.
Abordagem sobre o desenvolvimento humano a partir de seu criador – André Lapierre. In: BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda; VIEIRA, José Leopoldo. **Textos e Contextos em Psicomotricidade Relacional**. v. 1. Fortaleza: RDS, 2013. p. 20-30.